

**ENSAIO ONTOLÓGICO SOBRE A POSTURA DO HOMEM NO MUNDO
HOJE: O PREÇO VIL DA EXISTÊNCIA
ONTOLOGICAL TEST ON THE POSTURE OF MAN IN THE WORLD TODAY: THE PRICE
OF BEING MEAN**

José Eduardo Miranda¹

Andréa Corrêa Lima²

Resumo

Na medida em que interage com o externo, e desenvolve a necessidade de adaptar-se aos padrões, indiferente ao que é, o Homem passa a estar de acordo com o meio. Abandona, então, a identidade original. A liberdade e a felicidade pressupõem a capacidade de ser e estar como ou além dos demais. O outro é alvo, é objeto de superação. O Homem é produto do meio. Transforma-se constantemente. A vida é nada, o tudo é o que tem, o que é, o que deduz possuir ou intenta demonstrar que seja.

Palavras chave: Transformação do humano; Vida; Valor.

Abstract

¹ Doutor em Direito com *Laude Acadêmica*, Bolsista da CAPV-UNESCO, pela Universidad de Deusto, em Bilbao, Espanha; Doutorando em Relações Internacionais pela Universidad Pública do País Vasco; Mestre em Direito, Bolsista da CAPV-UNESCO, pela Universidad de Deusto, em Bilbao, Espanha; Especialista em Direito Comercial, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Especialista em Metodologia do Ensino Superior, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Membro da Cátedra UNESCO da Universidad de Deusto, de Formação de Recursos Humanos para América Latina; Membro da Cooperative Association of Law; Membro do Grupo Internacional de Pesquisa da Cooperative Association of Law; Membro do Instituto de Estudos Cooperativos da Universidad de Deusto; Membro do Instituto Brasileiro de Direito Empresarial; Membro do Grupo de Pesquisa sobre o Regime Jurídico das Empresas de Base Tecnológica Nascidas no Ambiente Universitário, da Faculdade de Direito da Universidade de Almería, na Espanha; Pesquisador de Ezai Fundazioa, órgão mantido por Mondragón Cooperación Cooperativa; Avaliador do MEC/INEP; Membro do Conselho de Ética e Pesquisa do Centro Universitário São Camilo do Espírito Santo. É membro do Conselho Técnico Científico e dos Conselhos Editoriais das Revistas Científicas do Centro Universitário São Camilo-ESEscritor; Advogado Parecerista; Coordenador do Curso de Direito das Faculdades Integradas do Vale do Ribeira (jemiranda@mirandacorrealima.com)

² Doutoranda em Direito, Bolsista da CAPV-UNESCO, pela Universidad de Deusto, em Bilbao, Espanha; Doutoranda em Relações Internacionais pela Universidad Pública do País Vasco; Membro da Cátedra Unesco de Formação de Recursos Humanos para América Latina; Professora Universitária; Advogada (andreaclima@mirandacorrealima.com).

To the extent that interacts with the external, and develops the need to adapt to the standards, regardless of what is going to be in line with the medium. Man abandons the original identity. The freedom and happiness require the ability to be and be as or beyond the others. The other is the target, is the object of overcoming. Man is the product of the medium. Transforms itself constantly. Life is nothing, everything is what you have, what, what follows attempts to show possession or whatever.

Keywords: Transformation of human; Life; Value

Introdução

O singular olhar para o espaço externo desvela que as relações inter-humanas estão a se estabelecer com base em pressupostos que transcendem a essência original do humano. A união que constitui a sociedade é artificial, pois padece da ausência das raízes estabelecidas na vivência primitiva.

Existência, hoje, é superficialidade, materialidade, pose. O mundo é irreal, porquanto o Homem se mostra ator da própria vida. O modo de ser suplanta a gênese do que é, e o Homem está. Transmuta o cerne do juízo originário, familiar, à petrificação do sentir: é o progressivo estado que transluz a veleidade material do que se projeta no outro, no meio.

O Homem perdeu o espírito da co-reponsabilidade social, ética. A responsabilidade jurídica fenece à deficiência do epíteto legal. A responsabilidade pessoal eclode pelo desenvolvimento dos seus próprios atos de obstinação, de busca pelo que não tem, pelo que não é: da máscara do humanóide. Eis o princípio da violência!

Há, no mundo, um problema de identidade axiológica. O valor do Homem não é mais o do *ser humano*, é o de estar acima do humano. A moral moderna é, essencialmente, uma moral da aparência do ser social que age de forma anti-social. O Homem está **a-mo-ral**, a vida, sem valor.

Sob esta ótica, o presente ensaio busca refletir a alteração do valor primário do Homem, de maneira que se logre perceber que os *modus* de adaptação com o externo, o anseio pela exibição do protótipo existencial que se conforme ao meio, à prevalência do material, e a opressão, culminam com a detração do preço da existência e com a própria degradação da vida.

I. Compreendendo a verdade do natural valor do Humano: o princípio original da liberdade e da felicidade

Malgrado o estágio da evolução tecnológica e das possibilidades materiais que contornam o dia-a-dia do cidadão³, a gênese axiológica do Homem prossegue idêntica à dos mais remotos indivíduos que percorreram pela passarela terrena. O Homem, por assim dizer, nasce bom e resolvido, despido de maiores anseios que o da própria sobrevivência e da interação com o círculo que lhe recebe originariamente.

A exemplo de seus antepassados, todavia hoje, a família, única sociedade natural, perfaz o modelo primário que desvela a escala original dos arbítrios humanos e estabelece o teto máximo dos desejos perseguíveis e do regramento a ser cumprido.

Levando-se em conta que o valor, o juízo, se relaciona com a confiança, com o temor e com a própria cobiça⁴, nada mais há na percepção humana originária do que interagir adequadamente com os preceitos intrínsecos ao contexto familiar. O pai é o símbolo do poder que contorna o protótipo material que confere ao Homem os limites de sua liberdade e a plenitude da felicidade.

Obedece-se ao pai e desfruta-se da materialidade do lar! O patriarca reveste-se da sinonímia do chefe; a casa, o que lhe é útil e necessário; e, a mãe, os

³ MIRANDA, José Eduardo e CORRÊA LIMA, Andréa. *Universidad y Cooperativismo. Cooperativismo y Universidad: una perspectiva axiológica para la efectiva construcción de la ciudadanía*. Boletín de la Asociación Internacional de Derecho Cooperativo. Bilbao, UD, 2008. p. 168.

⁴ ARISTÓTELES. *Ética nicomáquea*. Barcelona: RBA Coleccionables, 2004. p. 94

irmãos e parentes, o povo com o qual co-existe e sobre o qual 'compara' o que é, aquilo que tem e tudo o que pretende.

É, assim, livre nos perímetros da autoridade do lar, e, portentosamente feliz, porque a consciência que tem de mundo, de vida e de ser, converge ao que tem, ao que é, e aquilo que conhece e determina como resultado universal de sua existência⁵.

A felicidade e a liberdade, portanto, são próprias dos contornos familiares do ir, vir e ter: eis a verdade primitiva. O resto é imitação. Adaptação! Não é condicionamento. O tudo, é nada.

II. Da autoconsciência à transmutação de valores: a adequação ao meio é o fim de tudo

Resta evidente que os valores não constituem nem bens, nem fins⁶. Sem embargo, na medida em que o Homem ingressa no processo de seccionamento do vínculo axiológico com o ser e ter em família, alcança a idade da razão, e passa a interagir com modelos intrínsecos aos novos nichos sociais que frequenta.

Já não mais submisso ao poder do pai, ingresso em diferentes padrões de existência, a liberdade e a felicidade perdem o colorido inicial da vida e afluem a uma grandeza de valor congênere com os meios que interatua.

Sob os domínios da autoconsciência, o Homem reflete seu estado de ser frente ao mundo que percebe 'novo', diferente do mundo e das verdades que então conhecia. A determinação do ser e ter se ajusta a realidade do meio que frequenta, diverso do meio que frequentava, conferindo-lhe sensação de ser livre e estar feliz por ajustar-se ao molde familiar.

⁵ HEIDEGGER, Martin. **Todos nós... Ninguém**. São Paulo: Moraes, 1981. p. 11

⁶ SCHELER, *apud* ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. Lisboa: Presença, 1970. p. 160.

Muda a percepção de liberdade e felicidade. O ir, o vir e o ter alcançam proporções materiais, o bem passa a incorporar um valor, e o fim transforma-se no termo de uma ambição, de uma tendência: *quero o que os outros têm, vou com os demais*.

É desta maneira que, já como um ser social externo, ultra-sociedade familiar, o Homem co-relaciona seu valor à “função do sentir sensível com seus modos de gozar e de sofrer”⁷ pelo que julga ter e ser em relação aos demais. Há de ter, há de fazer, urge ir e vir conforme os novéis padrões da sociedade em que se engaja.

III. O existencialismo abjeto: o mundo da camuflagem

Em linhas gerais, o existencialismo condiz com o modo de ser do Homem no mundo, e, bem assim, com o questionamento sobre o próprio mundo. Compreender a existência, então, não pressupõe apenas entender o relacionamento do Homem com o mundo, mas, sobretudo, alcançar a forma pela qual o mundo se revela ao Homem, oferecendo-lhe as possibilidades de interação com o meio, com o *ethos*.

Visto o mundo hoje, o existencialismo revela o Homem como um ser limitado em capacidade e poder, aderente aos juízos pelo externo, que determinam um modelo postural próprio para soterrar possibilidades de *ser humano*; um mundo típico para instaurar um processo de luta pela adaptação, pelo destaque, pela proeminência do estar e da conquista do poder material a qualquer preço.

Hodiernamente, a ausência de bem-estar pessoal e coletivo é situação comum no entremeio da diferente rede de relacionamentos que conformam o meio ambiente social. Para o Homem, enquanto ser no mundo, ou ser do mundo, o bem geral apenas lhe parece bem, enquanto representativo do seu próprio

⁷ HEIDEGGER, 1981, p. 16

bem. Se tudo está bem, mas, para ele, algo vai mal, tudo se mostra mal. Por outro lado, se tudo vai mal, mas, para ele, as coisas sucedem positivamente, tudo, então, vai bem⁸.

Depois de resilir seu vínculo com a sociedade originária, a natureza humana é interessada, egoísta, materialista. Na medida em que ingressa em segmentos sociais distintos do ambiente familiar, o Homem se faz vítima da especulação.

A febre do benefício a qualquer custo move sua tendência de ser, ou estar, no mundo, de maneira que o afã de possuir, o desejo de domínio sobre o outro, e a supremacia da matéria diante da essência humana preponderam no ir e vir pela passarela das relações sócio-afetivas-econômicas.

O Homem vale pelo que tem, pelo que insinua ter, pelo que um deduz que o outro tenha! A existência, e, conseqüentemente, o quem o Homem é no mundo, ou julga ser no *ethos*, alcança um colorido metamorfofítico do Homem sendo-estando num mundo de disfarces, num mundo exclusivamente de aparências.

IV. O desprezo à vida em prol da mega-preocupação pelo material, pelo nada: o execrável preço da vida no mundo em declínio

A escala de valores no eixo social é medida não pelas percepções do caráter ilibado, ou pelas prerrogativas da personalidade sublime de um ou de outro, senão, pelos padrões de grandeza que qualquer indivíduo seja capaz de exhibir. O valor do ser humano, como ente absoluto, perece à superficialidade pela qual o Homem encena sua existência e dissimula sua originalidade⁹.

⁸ DIVAR, Javier. **La alternativa cooperativa: una respuesta ante la crisis**. Barcelona: CEAC, 1985. p. 15

⁹ HEIDEGGER, 1981, p. 11

Cada vez mais o Homem se julga sem valor, pois cada vez mais os próprios Homens se encontram despidos das condições mínimas de alcançar a plenitude do valor que lhes importa: o econômico, o material.

Ao relacionar este arquétipo, com a realidade nacional, o efeito é dramático, pois, enquanto circula a idéia de diminuição da desigualdade e do aumento dos índices de emprego, as filas nos órgãos oficiais encarregados pela concessão do seguro desemprego não param de crescer.

Há trabalho, mas a garantia de emprego é efêmera...

A segurança, a saúde e a educação alcançam patamares de precariedade assustadora que se coadunam com a nefasta condição existencial do brasileiro.

A escassez de oportunidades que otimizam realizações unicamente econômicas desencadeia um desequilíbrio social provocado pela instabilidade de renda. Sem ganho, sem perspectivas, o cidadão desassistido, o menor sem alicerce e o adulto de estrutura frágil cedem à atração da criminalidade.

Os paradoxos concorrem...

Na medida em que o Homem julga seu valor pelo que é capaz de aparentar ao comum, aquele que efetivamente detém o poder econômico desestima os que têm pouco, os que nada têm.

A vida, porquanto bem maior, tem sua estima menosprezada pelo rótulo do ser, do ter, do poder a qualquer custo. A vida falece à necessidade do delinqüente, do titular do poder da força bélica, da violência. O valor da vida, hoje, é calculado pelo grau da potencialidade do exhibir o que se julga ser ou ter: uma carteira de cigarros, um par de moedas, as chaves do carro novo, um eletrodoméstico de cinqüenta e sete polegadas...

A vida nada vale, pois os Homens perderam seu próprio valor de **ser-hu-ma-no!**

V. A título de conclusão

A natureza do Homem não pode ser comparada a nada. O homem, a mais enigmática das criaturas, é a evidência do mundo. Independente da corrente que explica a origem humana, seja o evolucionismo ou criacionismo, independente de onde venha, o Homem está no mundo, está para o mundo. É a partir do mundo que o Homem se compreende como ser vivo e existencial. Deveria compreender-se. No entanto, quando absorve a idéia, no plano da natureza, de ser feito de matéria e vida, perde a noção sobre o que é¹⁰.

Ainda agora o Homem é incapaz de compreender-se a partir da História. Percebe como é e está por conta da realidade da tradição alterada. O fato de render-se ao processo do conhecimento histórico, que o levou onde está, ou onde se encontra, ou de onde partiu, culmina com a perda da consciência de sua responsabilidade original, de sua identidade.

Será, então, que o Homem se compreende a partir dele mesmo, da liberdade de sua ação interior e exterior? Não. No instante em que perde a compreensão sobre a origem da consciência dele próprio, desenvolve a autoconsciência, a multi-consciência. Deixa de entender a amplitude de sua liberdade e corrompe a sua identidade, a partir da fixação de novos padrões que se ajustam no entorno que se integra.

O Homem é autoconsciente, pois, não se cria. É produto do meio, é fruto do mundo. Não é, está! O Homem se adapta por fora, sofre por dentro. Ainda sofre. O **homem** está rótulo, em processo de esvaziamento. Não sente,

¹⁰ JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 46

calcula. Não deseja, cobiça. Não ama, inveja. Não constrói, somente usa: tudo e todos.

Ninguém escapa.

O Homem **galopa** de encontro ao tempo em que será incapaz de desprezar-se a si próprio. Hoje despreza os seus. “O que é amar? O que é criar? O que é desejar? O que é uma estrela? Assim falará o último Homem, revirando os olhos”¹¹.

Bibliografia

ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. Lisboa: Presença, 1970.

ARISTÓTELES. **Ética nicomáquea**. Barcelona: RBA Coleccionables, 2004.

BLANCHARD, F. *Fines sociales de un nuevo orden económico mundial en*
Revista de la Cooperación Internacional. 10,1, ACI, 1977.

DIVAR, Javier. **La alternativa cooperativa: una respuesta ante la crisis**.
Barcelona: CEAC, 1985.

GILES, Ranson Thomas. **História do existencialismo e da fenomenologia**. V
2. São Paulo: EPU, 1975.

HEIGEL, G. W. F. **Fenomenología del espíritu**. Barcelona: RBA
Coleccionables, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Todos nós... Ninguém**. São Paulo: Moraes, 1981.

¹¹ NIETZSCHE, Friederich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra**. Tradução de Heloisa da Graça Burati. São Paulo: Riedel, 2005. p. 16

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. São Paulo: Cultrix, 1965.

MIRANDA, José Eduardo e CORRÊA LIMA, Andréa. *Universidad y Cooperativismo*. **Cooperativismo y Universidad: una perspectiva axiológica para la efectiva construcción de la ciudadanía**. Boletín de la Asociación Internacional de Derecho Cooperativo. Bilbao, UD, 2008.

MIRANDA, Pontes de. **Introdução à sociologia geral**. Campinas: Bookseller, 2003.

NIETZSCHE, Friederich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra**. Tradução de Heloisa da Graça Burati. São Paulo: Riedel, 2005.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **El contrato social**. Barcelona: RBA Coleccionables, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. **El ser y la nada**. Barcelona: RBA Coleccionables, 2004.

SCHELER, *apud* ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. Lisboa: Presença, 1970.